



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia de assinatura de atos referentes ao Estatuto do Torcedor

Palácio do Planalto, 13 de março de 2009

Jornalista: Eu queria que o senhor comentasse a novidade de que o torcedor pode comprar ingresso na lotérica. Já está definido?

Presidente: Não está definido, porque eu não quero fazer isso de forma impositiva, eu quero combinar com os clubes. O companheiro Orlando vai se reunir com a Presidenta da Caixa Econômica. Nós já temos uma proposta para isso, para facilitar a vida do torcedor. Agora, eu penso que é importante o Orlando ter a proposta, apresentar a proposta para os clubes brasileiros, para que a gente possa facilitar a vida do torcedor brasileiro em ir ao estádio.

Jornalista: E a visita ao Obama, Presidente, a expectativa?

Presidente: A visita ao Obama, eu espero poder conversar muito sobre a crise econômico-financeira com o presidente Obama. Todos nós sabemos que a crise se originou nos Estados Unidos, todos nós sabemos que foi o sistema financeiro americano que promoveu o maior desastre das finanças que nós já vimos. Conseqüentemente, isso mexeu com grande parte do mundo e mexeu, sobretudo, com a Europa e com o Japão de forma muito mais forte. Se esses países, que são as economias mais ricas do mundo, não estiverem bem, obviamente que o resto do mundo também não [estará] bem, porque eles são grandes compradores e são grandes vendedores e, portanto, nós precisamos torcer muito para que os Estados Unidos voltem à normalidade. Eu tenho uma preocupação, que é o restabelecimento do crédito no mundo. Hoje, o maior



problema significa ausência de crédito no mundo, o dinheiro desapareceu. Então, o que eu quero conversar com o presidente Obama, de forma muito franca, é como fazer para restabelecer o crédito internacional. Não é o crédito do Estado para o Estado, é o crédito para quem quiser tomar dinheiro emprestado. Na verdade, é restabelecer a credibilidade na sociedade.

Jornalista: E como?

Presidente: Eu não vou dizer como, porque o que eu tenho que conversar com o Obama, se eu disse antes para vocês algumas coisas, ele pode até me telefonar: “Presidente Lula, não precisa vir aos Estados Unidos, porque eu já li o que você falou”. Então, algumas coisas eu tenho que conversar pessoalmente. E porque tem coisas que eu tenho que conversar e às vezes, lamentavelmente, a gente não pode nem falar. Mas eu estou muito otimista com a possibilidade de os Estados Unidos encontrarem uma saída logo, estou muito otimista com a reunião do G-20 no dia 2, em Londres. Eu acho que os dirigentes estão compreendendo que agora não é a hora mais de técnicos, agora é a hora da política. Ou nós assumimos a responsabilidade por essa crise e damos saída para ela... se a gente ficar esperando como o Japão esperou na década de 90, demorou dez anos para o Japão sair da crise, e nós não podemos esperar dez anos, essa crise tem que terminar neste ano. Portanto, tem coisas que precisam ser feitas, urgente. Eu sei algumas coisas que precisam ser feitas. Eu vou conversar com o Obama, quero conversar com o Hu Jintao, quero conversar com o primeiro-ministro Singh, quero conversar com o (incompreensível) do Japão, e tudo isso só vai ser possível no G-20. Por isso eu continuo com o meu otimismo, continuo acreditando...

Jornalista: (incompreensível) protecionismo?



Presidente: Uma das coisas que nós temos que discutir é o seguinte: nós precisamos retomar a Rodada de Doha. Nós precisamos deixar claro que o protecionismo pode ajudar momentaneamente, mas no médio prazo o protecionismo será um desastre para a economia mundial. Isso eu quero deixar claro para todo mundo. O Brasil é contra a volta do protecionismo. Não é possível que o mundo rico, que passou meio século dizendo que era preciso ter livre comércio, livre comércio, livre comércio... criaram a globalização, derrubaram o Muro de Berlim. Agora, no primeiro calo que começa a doer, eles acham que tem que voltar o protecionismo. O que precisa fazer, isso sim, é que os países ricos precisam aprender a tomar conta dos seus bancos. Isso sim, tem que ser feito. Ter uma regulação forte para os bancos, para que a gente possa ter garantia de que o sistema financeiro mundial estará vinculado diretamente ao setor produtivo. Essa é uma coisa sagrada, que nós vamos ter que tomar decisão. Eu tenho esperança, tenho otimismo com o Sarkozy, tenho muito otimismo com a França, tenho otimismo com os líderes políticos que vão para lá, porque não é hora de tagarelar, é hora de agir.

(\$31EGJLP)